

28 JAN 2000

GAZETA MERCANTIL

p. 8

DF chega a 2000 com sotaque nordestino

Dados da Codeplan mostram que quase 50% dos imigrantes vieram do Nordeste

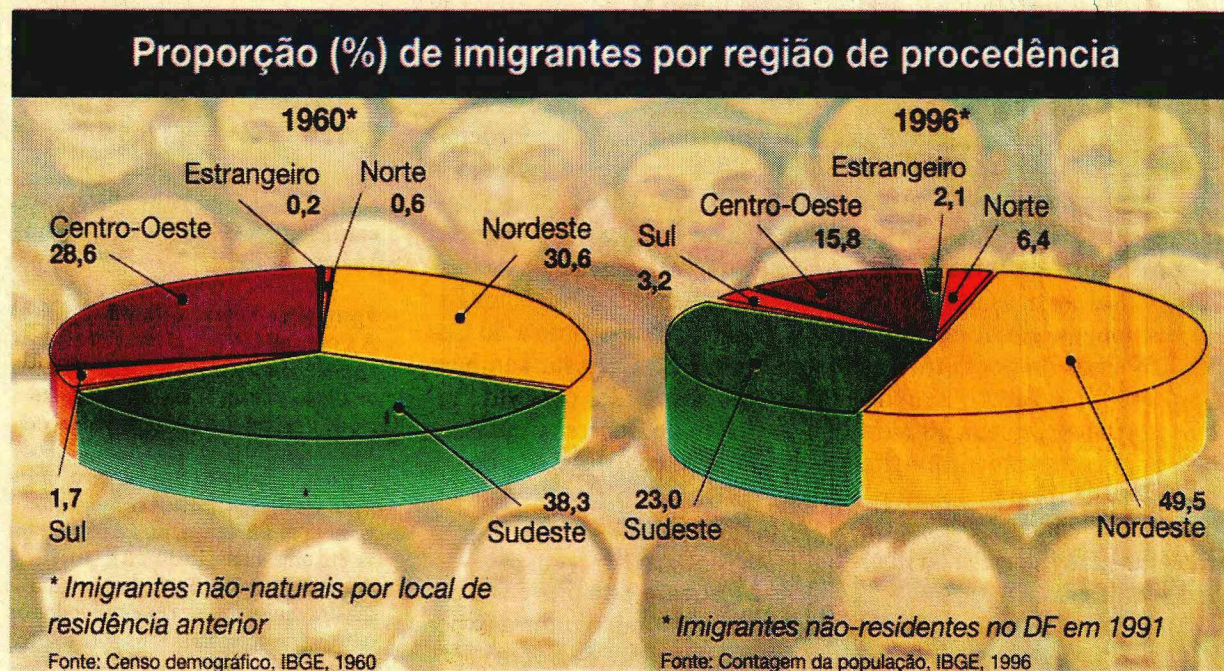
Marina Oliveira
de Brasília

O Distrito Federal alcança hoje a marca de dois milhões de habitantes, conforme antecipou a Gazeta Mercantil na edição do dia 24 de janeiro. Mas a verdadeira população da cidade pode estar muito acima disso. Segundo especialistas em população, esse índice não traduz a realidade por não considerar quem vota e trabalha em Brasília, mas mora em cidades do entorno de Goiás como Luziânia.

"Se fôssemos levar em conta esse contingente chegaríamos seguramente a casa dos 2,4 milhões a 2,5 milhões de habitantes", sustenta Aldo Paviani, do Núcleo de Estudos Populacionais da Universidade de Brasília. "Estas pessoas usufruem dos serviços do DF e têm demandas que precisavam estar contempladas".

Divergências à parte, tanto os dados da Codeplan quanto as observações feitas pelo núcleo da UnB confirmam uma mudança no perfil dos imigrantes que chegaram ao Distrito Federal, nestes 40 anos. Em 1960, a região Nordeste era o ponto de partida de apenas 30,6% dos "candangos", com o Sudeste fornecendo 38,32% dos moradores da nova capital. Em 1996, essa composição mudou muito, com o Nordeste chegando a 50% e o Sudeste caindo para 23%.

Um estudo da Codeplan, por



região administrativa, a partir dos números do Censo revela uma maioria ainda mais esmagadora dos nordestinos em algumas cidades. Em Ceilândia e Samambaia, por exemplo, a proporção chega a 64% da população. Piauienses, baianos e maranhenses são os principais grupos. Segundo Ana Maria Nogales, coordenadora do núcleo de pesquisas da UnB, algumas áreas específicas como o sertão da Bahia, sustentam quase 50% dessa migração recente para o DF.

A maior parte dos recém-chegados vem convidados por parentes fixados na cidade. Além disso, diz Ana Maria, existe um nú-

mero considerável de pessoas não contempladas em pesquisas como o Censo. Elas passam temporadas trabalhando na cidade, juntam dinheiro e depois retornam para a terra de origem.

Pressão

Segundo José Carlos Coutinho, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, o fato de as prefeituras dos municípios que formam o entorno não conseguirem atender às demandas por serviços criadas pela nova população, faz aumentar a pressão sobre o DF e a dependência econômica com a capital.

A necessidade de novos espaços, principalmente para moradia não se restringe à periferia, no entanto. O surgimento de condomínios para classe média em locais nobres da cidade, indicam isso. O próprio presidente da Codeplan, Durval Barbosa, vê como alternativas mudança nos gabaritos do Plano Piloto, com a permissão para apartamentos com 12 andares, por exemplo. "Mas isso só acontecerá daqui a uns 10 anos", enfatiza. Outra consequência urbanística: o aumento de edifícios, em detrimento de casas. "A verticalização é um desdobramento natural do crescimento populacional", lamenta Durval.